

A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
LISBOA



BECHSTEIN

FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM.
o Imperador da Alemanha e Rei da Prussia.—
Imperatriz da Alemanha e Rainha da Prussia.—
Imperador da Russia.—Imperatriz Frederico.—
Rei d'Inglaterra.—Rei de Hespanha.—Rei da Ro-
mania.—SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia
e Noruega. — Duque de Saxe Coburgo-Gotta. —
Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
BERLIN N.—5-7, Joannisstrasse.
PARIS.—334, Rue St. Honoré.
LONDON W.—10, Wigmore Street.

LOUIS
RHEAD

* **Lambertini** *

REPRESENTANTE —
— e Unico depositario
—
DOS
—
CELEBRES PIANOS
—
DE
BECHSTEIN
—
PRAÇA DOS RESTAURADORES

Empreza
Mobilisadora
Miguel Ferreira

FORNECE a prompto, a prestações e por
aluguer tudo quanto é preciso para
guarnecer uma modesta habitação ou o
mais luxuoso palacio.

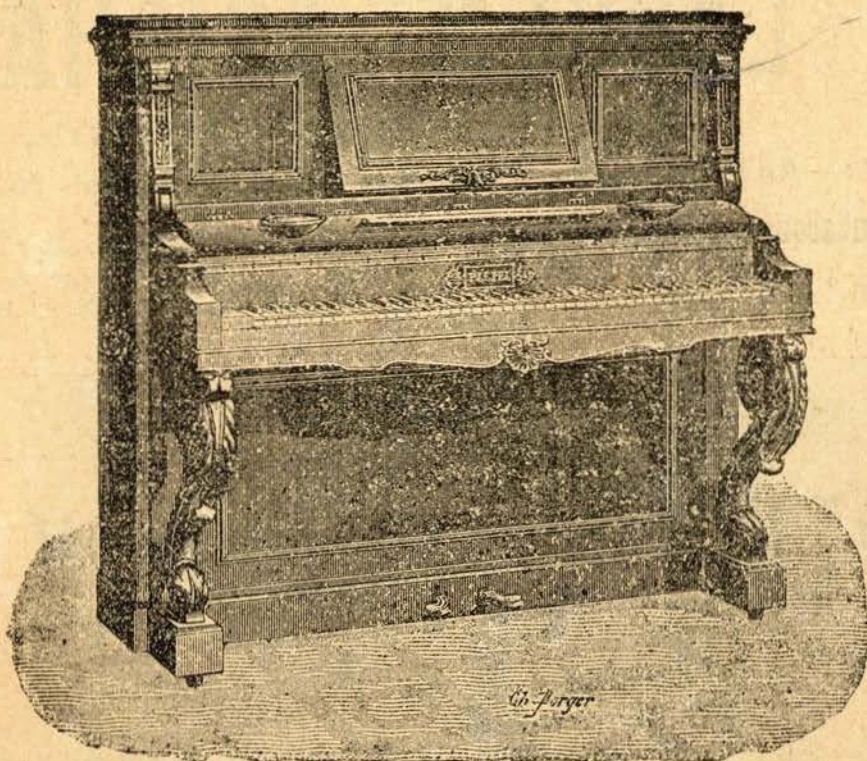
Preços e prestações resumidos

256, 258
— RUA DA PALMA —
260 e 260 A
Lisboa

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
LISBOA

Pleyel Wolff Lyon & C.^{ie}

Grande fabrica de pianos e harpas
PARIS



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES

(Systema Lyon privilegiado)

* PIANO DUPLO PLEYEL *

(Systema Lyon privilegiado)

Inventor: — ENG. GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra

Presidente do Jury (classe 17) da exposição de Paris — 1900

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
LISBOA

Augusto d'Aquino
RUA DOS CORREEIROS, 92
Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados
para a importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

CARL LASSEN, ASIAHAUS

HAMBURGO, 8

AGENTES EM : — Anvers—Havre—Paris—Londres—Liverpool—New-York

Embarques para as Colonias, Brazil, Estrangeiro, etc.

Telephone n.º 986.

End. tel. CARLASSEN—LISBOA

ARTHUR GOTTSCHALK

engenheiro

Rua de S. Paulo, 103, 1.º

Telephone, 821

Installações electricas
Dynamos Motores

ORÇAMENTOS GRATIS



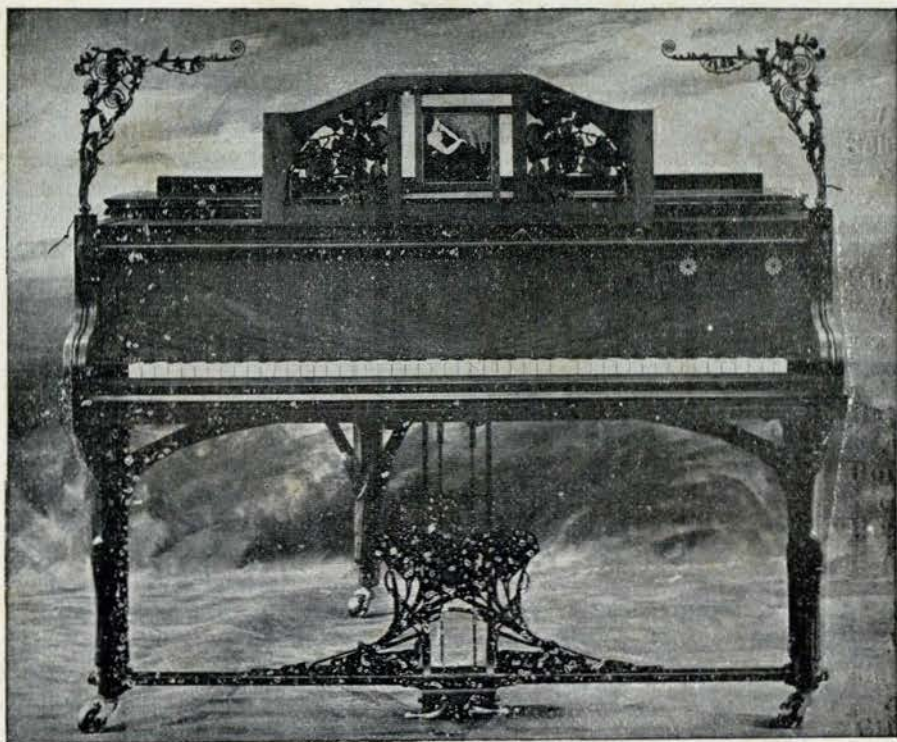
Redacção e administração: PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49—Comp. e impresso na Typ. PINHEIRO, Rua Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARIO : — A Casa Pleyel. — Edouard Colonne — Reorganisação do Conservatorio Real de Lisboa.
— Uma colonia Musical. — A inconsciencia Musical.
— Notas vagas. — Correspondencia : De Paris, De Tanger. — Concertos. — Noticiario. — Necrologia.

A Casa Pleyel

Continuado do numero anterior

O negocio dos Pleyel ia-se desenvolvendo. Nouvelle, propositadamente alugado para o
A's edições vieram juntar-se os pianos, as effeito.
harpas, as guitarras, os alaúdes. Mas a fa- Por esse tempo começava a afirmar-se



bricação, propriamente dita, só começou em 1808 em um vasto local do boulevard Bonne Camillo Pleyel como bom *virtuose*, sem deixar de curar dos negocios da casa, mas luc-

tando, tanto elle como o pae, com toda a casta de difficuldades. As viagens d'arte dia deixar de ser favoravel ao desenvolvi-mento da nascente industria.



Harpa chromatica — Modelo «Cysne»

afastavam-no do seu verdadeiro centro d'actividade e a familia não cessava de mostrar-lhe o seu desgosto por esse afastamento.

Passados annos porém, voltou o filho prodigo.

Acalmaram tambem as commoções politicas que haviam sacudido a França no principio do seculo. Os alliados entravam em Paris e Napoleão abdicava. A paz não po-

Em 1815, a casa do boulevard Bonne Nouvelle já não bastava para accomodar a musica, os pianos e as harpas; foi preciso alugar um novo deposito na rua Granje-Batelière. Mas a saude do velho Pleyel não permittiu que elle se conservasse por muito tempo á testa da casa e retirando-se para a provincia, abandonou a direcção da sua já importante industria ao filho e ao seu associado Kalkbrenner.

Camillo Pleyel casava em 1851 com uma *demoiselle* Moke, pianista notavel, que havia promettido casamento a Hector Berlioz; mas a união não foi feliz e ao cabo de quatro annos estavam divorciados.

A gerencia de Camillo Pleyel assignalou-se pelo grande desenvolvimento que soube imprimir á construcção dos pianos e pela grande variedade de typos novos que creou.

No seculo anterior, só os grandes senhores é que possuíam salões bastante vastos e bastante sumptuosos para accomodar os preciosos cravos de cauda, Luiz XV ou Luiz XVI, ricamente decorados e esculpidos. A revolução, expulsando e arruinando a nobreza, deu lugar á burguezia, que herdou os gostos e as necessidades d'aquella, mas com recursos mais modestos.

No pequeno salão do commerciante ou do funcionario não havia logar para um instrumento muito grande: houve mister crear um typo reduzido, que satisfizesse ás exigencias da occasião, e assim é que foi apparecendo o piano-mesa, o piano-secretaria, o piano-contador, o piano-bibliotheca e o piano-harpa, de cauda vertical.

Aperfeiçoado por fim o grande piano de cauda, começou a servir nos vastos salões e a lutar, nos concertos publicos, com as potentes sonoridades da orchestra.

Por outro lado, augmentando cada vez mais a tensão e o comprimento das cordas, tornou-se necessario dar ao someiro maior resistencia. A' barragem em madeira houve que applicar um quadro ou armação em

ferro, e esse importante melhoramento, que passa por invenção americana ou allemã, foi imaginado por Camillo Pleyel.

Em 1834 occupava a fabrica de que estamos tratando um pessoal de mais de 200 operarios e construia cerca de 1.000 pianos por anno. Foi definitivamente abandonada a edição e o fundo editorial transferido para varias casas francezas e estrangeiras. Construida a sala de concertos, logo tres grandes artistas a vieram consagrar — Rubinstein, Franz Liszt e Chopin. Este ultimo tocou sempre em pianos de Pleyel, e algumas horas antes de morrer fez avançar para junto do leito o instrumento que o havia acompa-

brança do maravilhoso artista e das relações que com elle entreteve sempre.

Por morte de Camillo Pleyel (1855) as officinas da rua Cadet occupavam 350 operarios e produziam annualmente 1.400 pianos. Annos antes havia-se associado com um eminente collaborador, Augusto Wolff, sobrinho d'Ambroise Thomas e primeiro premio de piano no Conservatorio, onde tambem professou de 1842 a 1847. Dirigiu Wolff durante 30 annos esta importante fabrica, creando a pedaleira para os orgãos, o teclado transpositor e o minuscuro piano de cauda, que Carlos Gounod baptizou com o pittoresco nome de *Crapaud*.



PIANO PLEYEL — Estylo moderno, com bronzes

nhado ás Baleares, por occasião da sua ultima viagem com George Sand; foi n'esse Pleyel que mãos piedosas dedilharam, nos seus ultimos momentos, as ternas e melancolicas melodias que, em dias mais felizes, tinham brotado da sua grande alma d'artista. E' ainda esse instrumento, que a casa conserva na sua sala d'honra, como lem-

Gustavo Lyon, o actual chefe da casa, genro e successor de Wolff, tambem pertence ao mundo musical por seus avós, M. e M.^{me} Victor Coche, professores no Conservatorio de Paris, por sua mãe, Mme Edouard Lyon, que é ainda hoje muito considerada como professora de piano, e por seu pae, que foi barry ono da Grande Opera

e reputado professor de canto. Dirigiu porém as suas vistas para as sciencias e depois de cursar as Escolas Polytechnica e de Minas, entrou na casa Pleyel como engenheiro. Casou em 1883 com a filha de Augusto Wolff, e por morte d'este, em 1887, foi naturalmente indicado para assumir a direcção da casa.

Um dos primeiros cuidados de Gustavo Lyon, ao tomar esse encargo, foi o de applicar os mais modernos processos scientificos á fabricação d'esse delicado e complexo instrumento, que se chama Piano, arredando o empirismo e o *à peu près* que até ali constituíam a unica lei d'essa industria especial. O piano Pleyel passou então por uma reforma quasi radical, e os instrumentos que, dois annos depois, a casa apresentava na Exposição Universal de Paris valiam-lhe um *grand prix* e a cruz da Legião d'Honra.

Passamos em silencio o grande numero de recompensas por esta notavel fabrica de pianos obtidas em todos os certamens, a que tem concorrido; tambem nos não deteremos a encarecer as qualidades, verdadeiramente artisticas, dos seus productos, pois alem de serem de dominio geral, queremos imprimir a estas linhas um caracter puramente historico, e evitar que n'ellas se veja uma qualquer intenção de *réclame*, que nem está no nosso proposito, nem se torna preciso no caso actual.

Desejamos todavia registrar que, nos ultimos annos, e graças á poderosa influencia e profundo saber de Gustavo Lyon, lhe deve o mundo musical alguns inventos de summo interesse: - o duplo piano de cauda, a harpa chromatica sem pedaes, o alaude chromatico com sonoridade de cravo, o timpano chromatico, o carrilhão de teclado para orchestra, e um novo aparelho, tambem para orchestra, destinado a produzir sonoridades graves e poderosas, e cujos pormenores não estão ainda definitivamente assentes.

Como se vê, o illustre engenheiro não se tem limitado ao estudo exclusivo dos melhoramentos do piano; muitos outros ramos interessantes da arte organographica lhe tem merecido um intelligente desvelo e lhe são devidores de valiosas invenções. Por isso, no momento em que a casa Pleyel sollemnisa uma centuria gloriosa, toda feita de trabalho e de probidade, justo é que se voltem as attensões para o digno continuadôr de tradições tão bellas e se reconheça, com o merecido elogio, o indiscutivel direito que lhe assiste ao reconhecimento de todos os cultores da arte.

L.

Edouard Colonne

Prometteramos no passado numero trazer ao querido maestro morto algumas linhas de homenagem, mas infelizmente temos de ser mais resumidos do que contavamos e desejaríamos porque não nos sobra o espaço.

De resto, na propria collecção do nosso jornal mais de uma vez nos occupámos de Colonne e lhe testemunhámos a admiração que por todos os titulos merecia, pois convem accentuar igualmente que o caracter do homem em nada era inferior ao espirito do artista.

Falemos porém d'este.

Como musico, havendo completado com brilho notavel o curso do Conservatorio, onde foi discipulo de Girard, Sausay, Elwart e Ambroise Thomas, obteve os premios de harmonia e de violino, podendo dizer-se que desde 1855, data da entrada até 1863, a sua carreira ascencional assignala-se por distincções successivas em todas as classes que frequentava, distincções que vão até ao primeiro *accessit* e ao primeiro premio em violino e em harmonia.

Já por essa época fazia parte da orchestra da Opera e da *Sociedade dos Quartetos* que formára com Lamoureux, seu condiscipulo na classe de Girard e seu patricio, pois ambos eram de Bordeus, onde Colonne nasceu a 23 de julho de 1838.

Data porém de 1871 o inicio da verdadeira vocação de Colonne.

Com o concurso do editor Hartmann e do empresario do Odéon, Duquesnel, fundou o chamado Concerto nacional.

No pequeno armazem de musica do primeiro, a esse tempo no boulevard da Magdalena, reuniam-se ás tardes, Bizet, Lalo, Frank, Saint-Saëns, Massenet, Joncières, Godard, uns gloriosos já, outros em caminho de o serem.

Dois annos depois, n'uma occasião em que os presentes discutiam a proposito da projectada representação dos *Erynnies*, para a qual Lecomte de Lille não queria musica, o moço Colonne, que fazia parte da assistencia, propoz a constituição d'uma orchestra que sem em nada attentar contra a integridade da obra augusta do poeta, conseguisse todavia traduzir a idéa de Massenet. Dito e feito. Eugenio Ysaye foi occupar a estante de primeiro violino, e a 6 de janeiro de 1873 o Odéon fazia ouvir a composição do futuro auctor da *Manon*.

Parece que foi algo tempestuosa essa audição e decididamente o êxito financeiro da iniciativa dos concertos, não compensou os esforços empregados, mas Colonne estava definitivamente sagrado chefe de orchestra e o successo material viria com o tempo. E veio.

Passando do Odéon para o Chatelet, e acabando por organizar a Associação Artística, lançava Colonne as bases da instituição que devia perpetuar-lhe o nome e prestar á musica em geral e aos auctores francezes em especial o inestimavel serviço de os fazer conhecidos e amados.

Tendo pertencido á orchestra dos Concertos populares do Pasdeloup, aprendera a familiarisar-se com o grande repertorio symphonico, e a completa e excellente educação musical que recebêra fez o resto. D'ahi o tornar-se a breve trecho um director de estarte que sem favor pôde ser considerado entre os primeiros.

Mas um outro titulo o tornou benemerito aos francezes, foi a sua propaganda amorosa e infatigavel pela diffusão das obras de todos os compositores da sua patria.

Começando por lançar o culto de Berlioz, para assim responder com a audição de um musico nacional á propaganda que Lamoureux principiava, de um musico estrangeiro, Wagner, Colonne foi pouco a pouco fazendo executar as *primeurs* de todos os novos, e Bizet, Massenet, Lalo, Dubois, entre outros, deveram-lhe quasi o seu baptismo artistico.

E' igualmente assombroso o seu indefesso esforço, para tornar apreciada na sua devida altura a musica de Cesar Frank, o grande auctor que a França disputou á Belgica.

Isto, porém, não obstou que simultaneamente a sua orchestra fosse executando todos os grandes classicos, mercê da admiravel pericia com que elle soube sempre organizar os seus programmas.

E ainda lhe sobrou tempo para na Opera dirigir a *Salambeau*, o *Sansão* e a *Walkiria*.

Quanto ás qualidades que como tocador d'esse complexo instrumento que se chama uma orchestra, particularmente o distinguia, já aqui mesmo mais de uma vez ficou dito:—foram uma leveza, um encanto, uma distincção que sem em nada sacrificarem da obra executada e do espirito que a caracterisava, como que a envolvia toda n'uma es-



EDOUARD COLONNE

pecie de poesia especial que lhe dava uma cor inconfundivel.

Talvez outros alguma vez lograssem ser mais profundos, mas nenhum, quanto a nós, o igualou sequer n'aquella vaga e doce idealidade que torna sempre viva a pagina d'arte que outro artista sente e reproduz.

Que mais justo e maior elogio poderia dirigir-se-lhe?

Possa a sympathica e respeitada phalange, agora ha já mais de um anno conduzida pela batuta erudita e elegante de Gabriel Pierné, conservar sempre entre as melhores tradições, esta da maneira como Colonne a dirigiu, e de certo o espirito do musico distincto, que a fundou e dirigiu e nós aqui, em Lisboa, tantas noites delirantemente applaudimos, não quererá mais bella eternidade...

Vide a *Arte Musical* n.º 32 de abril de 1900 e n.º 96 de dezembro 1902.

REORGANISAÇÃO DO CONSERVATORIO REAL DE LISBOA

Pensa-se de ha muito, segundo me consta, em melhorar a organização actual do estabelecimento fundado por Almeida Garrett, esperando-se para isso occasião opportuna, que a politica partidaria póde dilatar, prejudicando como costuma todas as questões de interesse publico, ou precipitar bruscamente, causando não menor prejuizo.

Por isso, e emquanto a oportunidade não chega, julgo util ir registando as idéas que sobre o assumpto possam ser suggeridas por quaesquer pessoas não indifferentes ao nosso aperfeiçoamento, nem descoroçadas ainda pela *vontade de morrer* que anniquilou Herculano.

Essas idéas poderão porventura conter sementes que venham a germinar e a desatar-se em fructos proveitosos

O sementeiro terá em todo o caso a satisfação de procurar concorrer para o bem commum, mesmo que o seu trabalho individual se torne improductivo ou insignificante.

Pela minha parte vou lançar á terra uma pouca de semente, sem me importar que a colheita seja ou não aproveitada; exporei algumas das minhas idéas, intitulado-as

Subsidios para um plano de ensino da musica

Admissão de alumnos — Geralmente nos grandes estabelecimentos destinados ao ensino da arte musical, sejam denominados conservatorios ou tenham outro qualquer nome, o ensino elementar não é ministrado desde o primeiro grau; incumbe-se d'essa tarefa a escola de instrucção primaria. Ahi, desde que a creança começa a soletrar, entoa de ouvido as canções infantís, e logo que sabe ler aprende os rudimentos da notação musical.

Por isso n'aquelles estabelecimentos só se apresentam á admissão postulantes que sintam, ou nos quaes as familias reconheçam, vocação especial para a musica, e como elles já teem as primeiras noções, podem dar provas d'essa vocação, e tambem do adeantamento adquirido, permitindo assim que na admissão haja escolha para limitar o numero de admittidos. E' o que succede em toda a parte: limita-se a quantidade de alumnos aos recursos de cada estabelecimento, fazendo-se escolha da qualidade por meio de concursos em que se prove maior aptidão.

Entre nós, porém, o Conservatorio tem, e

terá ainda por muito tempo, uma missão mais extensa. O ensino elementar da musica na escola primaria não passou ainda de lei que não se cumpre; a sua pratica é completamente nulla, como o é tambem na escola normal, d'onde os futuros professores sahem sem as habilitações necessarias (nem boa vontade, diga-se tudo) para o ensino d'esta materia. As cantigas ensinadas *ad hoc*, por occasião de festas, unicamente para divertir e pasmar o vulgo, não pódem illudir se não esse mesmo vulgo; o canto quotidiano na escola, esse exercicio tão instructivo, hygienico e moralizador, acompanhando ligeiras noções de leitura da musica, é coisa que verdadeiramente não existe entre nós.

N'estas circumstancias, por conseguinte, o Conservatorio tem que receber os seus alumnos no estado de completo analphabetismo musical, e por conseguinte tambem não póde fazer selecção nem limitar o numero de admissões, a não ser que as realise por sorteios, força de empenhos ou qualquer outro meio menos racional. Injusto e de resultados contraproducentes.

Até agora tem-se seguido o systema de admissão illimitada e incondicional; nem d'outro modo se póde proceder com boa razão, dadas as circumstancias expostas. Inconvenientes gravissimos teem d'ahi resultado, os quaes se evidenciam a cada passo e são objecto de justificadas queixas por um lado, ao mesmo tempo que por outro lado dão logar a injustas censuras: queixas dos professores contra a quantidade e má qualidade dos alumnos que lhes povoam as aulas, e queixas dos alumnos contra a deficiencia numerica das lições; censuras do publico pela insuficiencia do trabalho produzido, o qual geralmente se dilue desaproveitadamente em profissionaes mediocres, constituindo excepção rara os artistas completos.

Póde até avançar-se n'este ponto, sem exagero, que o ensino particular, e mesmo só o proprio esforço, teem dado melhores fructos.

Não ha aqui culpa alguma de pessoas; ha culpa da organização particular do estabelecimento, que não se harmonisa com o estado geral da instrucção publica, aliás muito bem regulada por leis que teem só o defeito de serem desprezadas.

Mas se é impossivel cortar por emquanto o mal pela raiz, ataquemo-lo no ponto em que elle causa maior damno. O Conservatorio não possui o meio de fazer previamente uma selecção de vocações reconhecidas, para poder limitar o numero de alumnos que devem seguir o curso dos estudos? Estabeleça dentro de si mesmo uma escola

préliminar ou experimental, preenchendo a lacuna que existe, e existirá longamente na instrução primaria; ahí poderá então joear o bom grão, regeitando a ruim semente.

Resultarão duas vantagens: popularisar os principios elementares da arte, e abrir a carreira d'ella sómente a quem dê provas de melhor disposição natural.

O limite de alumnos escolhidos é facil de determinar. No estudo dos instrumentos, as lições são forçosamente individuaes, e estas não devem ser excessivamente curtas nem espaçadas como actualmente succede; meia hora é o minimo que razoavelmente se póde estabelecer para cada lição individual, e duas lições por semana é tambem o minimo possível. Logo, uma sessão lectiva de tres horas completas, sem contar qualquer interrupção, só póde servir seis alumnos.

Nas classes que, mesmo com limite de numero, não podem deixar de ser frequentadas por numero consideravel de alumnos, como as de piano e de violino, o trabalho dos professores tem forçosamente de ser augmentado; será preciso pedir a esses professores maior dispêndio de tempo, mas poderá tambem augmentar-se-lhes a remuneração. Dando cada professor tres horas diarias de aula, póde dirigir uma classe composta de dezoito alumnos, dividida em tres secções com duas lições semanaes por secção. E dado que cada uma d'essas disciplinas tenha tres professores (a de piano tem actualmente cinco), chegaremos a um limite maximo de $18 \times 3 = 54$ alumnos, limite mais do que sufficiente para produzir uma media de bons artistas.

Está claro que nas aulas de lição colectiva esse limite será consideravelmente maior.

Em todos os casos porém, será necessario que as aulas permaneçam em actividade durante a maior parte do dia, como succede nos estabelecimentos congeneres do estrangeiro; no Conservatorio de Bruxellas, por exemplo, manda o respectivo regulamento que as aulas comecem a funcção ás nove horas da manhã e terminem ás cinco da tarde. Na *Hochschule* de Berlim, abrem-se as portas ás sete da manhã, muitas vezes com luzes accensas.

(Continúa)

ERNESTO VIZIRA.



Uma colonia musical

Todos se recordam do grande pianista francez Raul Pugno que entre nós, fez uma

certa *revolução*, pela fôrma altamente artistica como nos deu Chopin. Pois bem, venho dar hoje uma noticia palpitante, d'este grande artista tão conhecido em todo o mundo, tão querido entre nós.

Pensei ao escrever este artigo para a *Arte Musical*, não n'essas meninas que por ahí abundam que martelam musica classica com a mesma intuição artistica com que dedilham trechos de musica da revista *No Cometa*, longe esteve a minha idéa; pensei antes nas *raras* que existem no nosso meio musical, capazes de comprehenderem os segredos da Grande Arte, e dispostas a sentirem o que ha de essencialmente divino, o que existe de diaphano na musica n'essas ondas sonoras que penetram na nossa alma momentos de elevação ideal em uma onda crescente de Beleza toda orvalhada de luz e pureza.

Uma das revistas litterarias, que o correio me traz todas as semanas, consagra um dos seus capitulos a Raul Pugno. Li com a maxima attenção o artigo e acheio-o tão interessante que tive logo a tentação de falar n'elle aqui nas columnas da *Arte Musical* pois que alem de se referir a um grande artista tão nosso conhecido, descreve uma pagina da sua vida que deveria ser seguida por muitos.

O escriptor François Ponsard foi visita-lo a Hennencourt (Seine et Oise), e sobre este passeio escreveu um artigo suggestivo, de verdade e realismo, e com tal poder descriptivo que pinta nitidamente o caracter de Pugno, a sua alma de artista.

Dou a palavra ao illustre homem de letras:

«Abandonando as alegrias da pesca, deixei os meus companheiros, e decidi-me a passeiar por aquelles campos tão risonhos á minha alma. Avistei um campanario ao lonze, que parecia nascer do meio dos vinhedos, rodeado de montanhas.

Um sino badalava dolentemente e aquelles sons semi-tristes e alegres, vinham quebrar o silencio n'aquella manhã amena de estio.

Calhandras, esvoaçavam á minha passagem dando notas agudas, á medida que fugiam pela grandeza do ceu azul.

Caminhava sempre, até que varios sons chegaram aos meus ouvidos, vindos d'uma pequena aldeia proxima; um concerto n'estes logares! Pensei eu, já com imensa curiosidade. Não me enganei; não seria um concerto, mas eram escalas, sonatas, estudos e preludios! A primeira casa da aldeia tinha uma placa em que lia: *Hennencourt (Seine et Oise)*.

N'este momento, enquanto lia attento a placa, ouvi a phantasia chromatica de Bach,

e através da janella do rez-do-chão lobriguei uma cabecita loura d'uma menina sentada a um piano. Mais alem uma obra de Chopin, na casa seguinte os estudos symphonicos de Schumann; á esquina da praça a fuga de Franck; atraz d'um pequeno jardim, recinto encantador de flôres, chegava aos meus ouvidos uma sonata de Weber, e em um andar na frente da igreja uma rapariga muito formosa de cabello ainda mais louro que a outra, tocava com sentimento uma obra de Beethoven.

Como chegasse á casa do «maire», um verdadeiro concerto tive occasião de ouvir; órgão e o som de dois pianos deliciavam todos que passavam. Francamente estava de veras intrigado com tanta musica! Decidi-me a entrar na «mairie», emfim a fazer qualquer pergunta. Uma especie de creado veio ao meu encontro.

— E' por causa de lições que V. Ex.^a deseja fallar ao sr. «maire»?

— Para lições?! Não, senhor, não sou candidato a nenhum lugar de «maire». Apenas lhe quero fallar para saber um assumpto que me intriga a curiosidade. Queira entregar-lhe o meu cartão.

— O sr. Pugno dá hoje uma reunião musical ás pessoas da sua intimidade; mas em todo o caso vou entregal-o.

— O sr. Pugno?! O pianista é «maire» d'estes sitios?

— Sim, senhor, um «maire» dos melhores. As casas alugam-se todas, e o commercio augmenta.

— Desejo fallar com elle.

Fui logo recebido. Quando entrei no vasto salão, Raul Pugno apresentou-me á senhora e á filha, assim como a duas das suas melhores discipulas hoje artistas: Nadin Boulanger e Tagliaferro.

— Estas duas discipulas, me disse Pugno, habitam a aldeia, como muitas outras. Desejam tomar lições a serio, seguidas e com proveito. Oh! Paris detesto a sua vida. E' com alegria que vejo crescer as minhas vinhas, o trigo, brilhar as minhas flores.

Depois de saborear o bello ar, entro em casa das minhas discipulas, e lá fico sem contar o tempo, até que executem como eu quero.

A pouco e pouco teem vindo para a minha aldeia.

Não ha divertimentos, trabalham seis a oito horas por dia... sem isto nunca se faz nada. O resto do dia dou passeios pelo campo com ellas, leio-lhes obras sans e artisticas e rimos quasi sempre.

Em casa á noite executamos varias obras dos grandes mestres, tomamos chá, emfim uma vida encantadora.

— Qual foi a sua primeira discipula que se instalou aqui?

— A primeira? Foi Lydia Schumann, uma allemã que me ouviu tocar em um concerto que eu dei no Gewandhaus. Depois comecei a receber cartas de varias senhoras que desejavam vir para aqui.

Logo, ao sahirmos, lhe mostrarei a casa da sr.^a Demianovo, uma russa, da menina Emmanuel, uma ingleza, de Harnfeldt sueca e outras. Mas agora quero-lhe mostrar a minha casa.

Fiquem deveras encantado com a casa. Um ninho de artista, cheio de preciosos thesouros. Um busto de Beethoven, um Berlioz de Latour, um retrato de Pugno feito por Pinchard em 1873, e outras telas assignadas por grandes pintores.

A bibliotheca é sob o risco de Bourgeois, com desenhos de Eryksen. No meio dos livros um panno de Carriès que lhe custou carissimo. Todas as salas verdadeiros muzeus.

Descemos ao jardim, passamos por um pateo envidraçado que serve de casa de jantar, onde existe um lagosinho tendo ao meio um *Narciso* de Charpentier.

— Deixo estes logares, sempre com saudades, e quando volto dos meus concertos pela Allemanha, Austria, Russia, não penso senão em tornar a ver estas vinhas, estes trigos, esta casa. E sempre trago mais obras d'arte, ganho bem.....

Quando regresssei a Paris, depois de ter passado o dia com Pugno, pensei ainda em voltar, pois aquella colonia musical ficou-me bem gravada na memoria.

Todos verão decerto que este meio assim tranquillo e tão cheio d'arte, será um incentivo para a cultura da Grande Arte, mas se alguém aconselhasse a essas meninas do Conservatorio aquella tranquillidade do campo, punham-se a rir e não acreditavam na sua efficacia.

Ellas que gostam tanto dos animatographos, da opera no Colyseu, de ver as montras do Grandella e da Casa Africana, dar-lhes a existencia em uma colonia musical, como a de Pugno, era condemnal-as á morte...

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



A Inconsciencia Musical

(A verdade. O mal e o remedio pratico)

Não julgue o leitor que venho agitar ou resolver o problema grave das relações da

Musica com a Inconsciencia, posto em equação por Wagner e Schopenhauer e agora preludiando á psychologia do Inconsciente na obra de Bazaillas. Não senhor.

Venho apenas a chamar a atenção de todos — amadores, professores, artistas e familias respectivas — para a singular desorientação que reina entre nós, e principalmente em Lisboa, no que toca á inconsciencia musical.

Não confundamos.

Toda a gente que estuda sabe que uma peça tem o seu character proprio, definido pela sua tonalidade, andamentos, rythmo, sequencia e expressão, significados pelos signaes appropriados, e aqui e alli garantidos pelos diversos accents rythmicos, dynamicos e patheticos.

Entre nós, quem ouvir a interpretação dada a cada peça ou tem de duvidar da sua memoria, porque a vê tocada de modo mui diverso do original, ou tem de se convencer de que a sua memoria é boa e a musica é interpretada falsamente.

Esta falsidade d'interpretação é quasi geral, porque raras vezes temos ouvido as peças tocadas em publico taes como foram originariamente escriptas. E esta observação vem a talho de foice na suggestão da critica justa feita no ultimo numero d'esta *Arte* á execução da *Paixão de S. Matheus* de Bach.

Compreende-se uma ou outra falha, devida á falta de memoria em quem toca de cór, ou justificada pela falta de technica em quem toca por musica. Mas não é menos certo que quem tem falta de memoria não deve tocar de cór e que quem tem falta de technica não deve apresentar-se em publico.

Chega a revoltar a inconsciencia ou a audacia — porque os extremos tocam-se — dos cantores, dos pianistas, dos violinistas e dos violoncellistas de ambos os sexos, que assim adulteram em publico a forma, a substancia e a indole das peças com que pretendem exhibir o seu talento e o seu amor pela *Arte*. Merecem por este motivo o nome que se lhes vae dando de cantaroleiros, planeiros, violineiros e violoncelleiros.

Todos se atrevem a tocar tudo — já não digo concertos, com excepção do de Mendelssohn que *toda a gente* executa, porque em Portugal não se tocam já concertos em publico senão rarissimamente, mas peças de força mediana, que ainda assim apparecem estropiadas.

Será porque na mania exhibicionista, que tudo invade na corrente do cabotinismo litterario, as familias queiram por força, e por força continuem querendo, que a sua meni-

na ou o seu menino se apresentem em publico tocando ou cantando uma determinada peça superior ás suas forças?

N'este caso lá está — ou deve estar — a auctoridade do professor para corrigir a inconsciencia, temperar o desmando ou impedir o atrevimento. Não o faz, porque é fraco ou porque a familia se impõe? Peor para elle, porque na cedencia vae a perda da sua auctoridade, e professor sem auctoridade não presta.

Nos trinta annos — para mais — da nossa critica artistica, bastas vezes topámos com esta razão capital, justificativa do descabro do alumno enterrando-se em publico com a peça que toca: o professor diz-nos *foi a familia que o quiz, eu não queria*.

Consultada porém a familia, responde-nos: — *foi o professor que o quiz, nós não queriamos*.

Mentem ambos? Sim, porque ambos faltam á sua propria consciencia, porque nem a familia deveria impôr o disparate nem o mestre ceder-lhe. Não, porque a familia, impondo-se, espera que o menino escape com *bôa sorte* e faça *bôa figura*, e porque o mestre, por seu turno, tambem espera que a *bôa sorte* salve o executante, para maior gloria e proveito seu.

Isto não pôde continuar assim, para honra dos professores e para maior elevação do ensino, que está realmente, a principiar pelo Conservatorio, baixo e improductivo.

O correctivo d'este mal está unicamente no bom senso das familias, na melhor comprehensão da *Arte* e na maior confiança no professor. Este por seu turno deve convencer as familias de que é mais honroso tocar *bem* uma peça facil de que tocar *mal* uma peça difficil.

Outras podem ser, porém, as causas da actual inconsciencia artistica: a ignorancia da litteratura musical e a falta de technica ou a má direcção do ensino.

A *má direcção* do ensino é patente nos cantores na falta d'impostação da voz, na fraqueza da articulação, na dureza da emissão e no atrazo da vocalisação, aggravados em geral pela escolha de peças de tessitura diversa do diapasão da voz. Nos executantes d'instrumentos d'arco reconhece-se logo esta má direcção pelo modo d'empunhar o arco, de tocar com o hombro ou com o braço, de prender o pulso e o ante-braço, endurecendo o jogo do arco e portanto compromettendo a segurança e a afinação da mão esquerda, que por seu turno não é bastante treinada nas escalas, nos trillos e na dupla cor.la, obrigando ás escamoteações da technica e ás alterações do texto musical.

Se fosse possível exporem-se ao publico as peças por que se toca entre nós, ver-se-hia como as ligações estão mudadas, os accentos trocados, as articulações e até as notas alteradas!

Uma vergonha!

Por isto é que attribuímos a responsabilidade mais ao professor do que ao alumno, porque este não tem capacidade para realizar tais escamoteações. Quanto aos artistas que assim praticam, não lhes louvo o gosto nem a liberdade; em qualquer outro paiz seriam corridos á batata.

A má direcção do ensino não consiste só na pratica e no consentimento d'esta escamoteação musical, mas tambem no fim illusorio, embora seductor, da apresentação em publico. A marcha lenta, mas solida e profunda do *Gradus ad Parnassum* já não existe. Vae tudo á pressa, á lufa-lufa, preparando certos estudos para certas peças e certas peças para a apresentação em publico.

D'ahi o desenvolvimento dos tocadores em *eiro* e a falta crescente dos tocadores em *ista*: muitos violineiros e poucos violinistas; muito maneirismo e pouca escola solida; muito *vibrato*, *multissimo vibrato*, e pouquissima ou nenhuma expressão.

Se até já pegou a manha da respiração artificial para fingir commoção profunda do tocador! .. Aonde chega a sinceridade na Arte!?

Esta falsa orientação explica a pequena solidez da technica geral e a falta quasi absoluta não só de alumnos capazes de tocar *concertos* em publico, mas até de mestres concertistas. Chega até a parecer que já não existem concertos para piano, para violino, para violoncello, para flauta, á força de os não ouvirmos em Portugal.

Esquecia-me, perdão, o concerto de Mendelssohn para violino... que toda a gente... estraga.

D'aqui derivamos logicamente á *falta de technica*, porque esta póde ser filha, e é-o quasi sempre, da má direcção do ensino ou da incompetencia do professor. E é bom accentuar n'esta altura a *incompetencia* do professor, porque não faltam por ahi mestres de tudo — de piano, bandolim, rebecca, violão, violoncello, violino, de tudo ao mesmo tempo.

A falta de technica póde entretanto provir do proprio alumno, quer por falta d'habilitade ou defeito natural ou por preguiça no estudo. Ainda aqui intervem o professor corrigindo os defeitos e acabando com a preguiça e até, quando o defeito natural é inevitavel, escolhendo peças compatíveis com esse defeito.

Por exemplo, o alumno tem o pulso duro

e o ante-braço preso; logo não póde ter o braço livre e aberto e é incapaz de manter o som n uma longa ou em 4 compassos adagio. Fica por isto impedido de tocar a *Aria* em ré de Bach ou a *Ave Maria* de Gounod que exigem um arco de primeira ordem.

Abundam em compensação milhares de peças onde o alumno póde brincar e brilhar com o seu arco curto ou com a sua respiração curta.

Desculpam-se os professores com a falta de vocação dos alumnos, ás vezes magnificos para o piano mas teimando em tocar violino com um braço de pau e um ouvido de pedra... Não serve a desculpa, já que nada os obriga a apresentar em publico taes nullidades, e porque não lhes será difficil convencer a familia de que é mais pratico metter o menino ao piano do que sacrificá-lo toda a vida na rebecca.¹

Atraz da edição ou atraz da propria forma musical se escondem muita vez os professores, dizendo, que tal peça ou tal trecho está escripto pelo modo porque o tocam. Chegamos assim á falta de *litteratura musical*, que em geral caracteriza o nosso professorado e os nossos amadores, contentes quasi sempre com a primeira edição ou com o primeiro arranjo que lhes cae nas mãos.

Esta ignorancia da *forma original* explica a tolerancia — que já vae acabando, e ainda bem! — com que se receberam os arranjos de G. Papini, por exemplo, para o violino, de Frederico Grutzmacher para o violoncello e até do anonymo Ferdinand Beyer, fabricante de musica moida para piano.

No estado actual da generalisação das letras em critica e historia musical e das edições authenticas dos mestres, não ha motivo algum que justifique a ignorancia do verdadeiro texto musical por um professor *sério e competente* da sua Arte.

Em Portugal a extrema miseria dos artistas e dos professores, que tem de se sujeitar aos ordenados de 15\$000 réis, ou o que é, no **Real Conservatorio de Musica** (!!!) e de pouco mais nos theatros onde teem de tocar para não morrer de fome, esta miseria extrema justifica a difficuldade de gastar em livros ou perder o tempo em bibliothecas. Só isto os defende e justifica.

Ha porém professores de musica remediados e até ricos que não podem nem devem acoiatar-se em tal motivo. Porque não ensinam estes a valer?

¹ Esta selecção das vocações deveria principiar pelo exemplo do Conservatorio, onde entram alumnos e professores sem concurso publico, e d'onde sae por consequencia... o que todos sabem.

Quanto aos pobres, deveria o Estado ajudar os formando e mantendo bibliothecas de musica e de litteratura musical no Conservatorio e nas bibliothecas publicas e municipaes. Infelizmente o Estado nem sequer dispõe de tempo para cuidar do aceio d'aquella escola¹ quanto mais de verba para bibliotheca, museu e Annaes do Conservatorio!

Ha porém dois remedios: é o da Associação dos Musicos organizar esta bibliotheca nas suas salas para os seus socios; é o outro o de reclamar energicamente ao governo a formação da bibliotheca e o cumprimento exacto dos regulamentos do Conservatorio e da publicação dos seus Annaes.

Travarêmos com tudo isto a inconsciencia musical que por ahi reina, para mal dos alumnos a quem desacredita, para mal das professoras a quem rebaixa, para mal da Arte a quem compromettem? Esperamos que sim, desde que se compenetre cada um amador, pae de familia, artista, professor e alumno — de que a Arte é difficil, de longo estudo e *para todos sagrada*, e sobretudo que esta reforma necessaria e urgente, depende só de cada um de nós, tomando a serio o estudo, a Arte, a critica e o ensino.

Senão, meus caros amigos, continuaremos sempre na bandalheira musical em que temos vivido, desde a pepineira de S. Carlos até á miseria dos nossos musicos, entre os quaes abundam talentos de primeira grandeza quer como contrapontistas e compositores, quer com vocações capazes de dar uma Suggia ou um Hernani Torres quando vão arejar no estrangeiro, fóra d'esta empestada atmospheria lisboeta.²

Não valerá a pena tentar este esforço supremo?

A inconsciencia na execução é a ultima phase da decadencia musical. D'ahi a necessidade d'importar musicos estrangeiros para que toquem direito. D'ahi a desnacionalisação da Musica e a ruina completa dos artistas.

CARLOS DE MELLO.

¹ Veja-se a immundicie secular das trazeiras da sala dos concertos e as indecencias decorativas das paredes do edificio.

² O Porto está muito mais adeantado do que Lisboa.



Cartas a uma Senhora

142.^a

De Lisboa.

Estamos em pleno mez da celebração de um centenario, e agora mesmo venho eu de ouvir uma conferencia por tal maneira notavel sobre a poderosa individualidade que esse centenario consagra, que propriamente nem sei o que a respeito d'outras cousas lhe deva transmittir.

O dr. Adolpho Coelho falando de Alexandre Herculano fe-lo d'uma fórmula tão nova, tão *different*, tão imprevista, que o meu grande prazer seria transcrever para aqui o que elle disse.

Que paiz este nosso tão curioso, minha amiga, em que homens do valor d'este professor erudito, d'um saber solido e largo, que á independencia de criterio e á prohibidade scientifica pouco vulgar, junta faculdades de trabalho verdadeiramente inconcebiveis, tão mal avaliados são fóra do restricto cyclo dos seus discipulos, dos seus amigos e dos seus admiradores!

E' possivel que lá por essas paragens onde vive e que a civilisação já desbravou e engrandeceu, alguma coisa de identico de quando em quando succeda, é possivel; mas sem duvida que será caso esporadico e tão anormal que ha de constituir excepção quasi inacreditavel.

Aqui, sei de mais de um, e póde mesmo avançar-se que na total desarrumação em que a maioria das cousas se encontra, ninguém está onde seria mister que estivesse, e homens de varias especialidades tão distinctos por exemplo como o dr. Adolpho Coelho o é nas suas, de ordinario ás vezes nem na propria rua em que residem são bem conhecidos!

Tambem, não raro succede proferir o estrangeiro alguns nomes nossos com um respeito que cá de todo se ignora; mas que tristesa, querida amiga, passar na existencia mal avaliado, ou, peor, detrahido dos seus, e ser, como escreveu o poeta, forasteiro na propria terra natal!

Emfim, que remedio ha senão irmo-nos

Não fallemos nunca de religião nem de baixo fundamental.

Beethoven.

todos resignando, enquanto cada um de nós, na medida das suas forças não procura melhorar o meio?

Fazer respiravel a atmosphaera, e sobretudo crear aos nobres, aos generosos trabalhadores do espirito um ambiente mais favoravel e benefico, eis uma cruzada sublime.

Os centenarios, as commemorações civicas resultam d'esta cruzada e exercem, quanto a mim, varios influxos salutaes, mas um d'elles, dos melhores, se não o melhor, é o de irem contribuindo para que individualidades da envergadura do illustre professor do Curso Superior de Lettras, uma ou outra vez desçam até nós a trazer-nos a luz do seu entendimento e o fructo das suas vigílias.

A' força de espalharem ideaes e de accenderem curiosidades, acabarão por tomar Portugal accessivel ás correntes transformadoras que atravessam o mundo, e hoje, amanhã, depois, a hora soará, a final, em que tambem por aqui valha a pena viver exclusivamente entregue ás fecundantes e suggestivas locubrações do estudo, e ás alegrias immateriaes do pensamento.

Ora a fórmula de conseguir isto é prestar culto aos homens que, como Alexandre Herculano, se salientaram na vida, creando, produzindo, revolvendo.

E' claro que vultos d'esses não são, em regra, susceptiveis de imitação, porque a mesma natureza leva algum tempo a concebelos; mas a ondulação que elles determinam no vasto mar das idéas, as vibrações que accordam nas consciencias e até as injustiças, imbecis ou acintosas, que provocam, são outros tantos elementos de fermentação saudavel que se desprendem no ar e que actuam no tempo, e d'ahi tudo isso ser quasi indispensavel para a humanidade avançar.

*

Ai de mim, aonde o meu incorrigivel ses-tro de tagarellar me ia arrastando!

Perdoe-me e queira acreditar que caí em tentação em primeiro logar por estar habituado á sua indulgencia em ouvir-me, e depois porque raro me acontece sentir-me, como agora, tão bem disposto, talvez por ter tido estes ultimos dias uma serie de sensações agradaveis—a serie branca, designemo-la assim.

Primeiro, ouvi tres deliciosas cantoras, uma das quaes artista mundial pela fama e justamente querida pelo talento, o que de modo nenhum empanou o brilho das outras duas a quem apenas falta, para uma sa-

gração suprema, poderem transformar em constante profissão de fé o intermittente preito que á sua arte votam com um amor tão vivo e uma effusão tão quente.

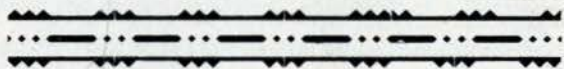
Depois, pude maravilhar-me com a audição de alguns sempre novos e sempre bellos trechos d'esses immortaes poetas do som que se chamaram Beethoven e Bach, Schumann e Chopin, Haydn e Mozart e que mãos privilegiadas me invocaram no piano; e finalmente, o talento flexuoso e rico de dois summos comediantes, Lucinda Simões e Ferreira da Silva, n'uma velha mas ainda agora mesmo interessante peça de Dumas, filho, o *charmeur* incomparavel, dava-me por instantes a illusão bemdita de que estava em frente de alguma coisa de grande e de forte saído das entranhas da minha raça tão derrancada e exhausta segundo uns, mas ainda tão capaz de extraordinarias e avassaladoras revivencias dos extinctos dias da sua alvorada gloriosa.

Ainda poderia accrescentar que entre-tanto lêra umas dezenas de formosissimos versos do atheniense poeta portuguez que é João de Barros, ouvira outros simplesmente encantadores d'esse não menos perfeito condensador da belleza, que é Affonso Lopes Vieira, assistia na attrahente residencia senhorial de um querido confrade em lettras a uma festa rara pelo relevo esthetico e pela emoção poetica, e tudo isto, cercado d'um halo de ideal fulgor esse pedaço de existencia que por mim passou, teve o singular condão de prolongar dentro do meu espirito as fugidias impressões que a felicidade evoca do seu fundo de sonho e que docemente nos embevecem e nos confortam.

Ah! Boa amiga porque é que a paisagem do mundo não será sempre assim, consoladora e linda, e ha que atravessar tão a miude os dolorosos e ennevoados limbos onde a Tragedia ruge, a Desgraça habita e a Fatalidade espreita?

Não saberá elucidar-me a sua experiencia culta, mas tambem será porventura providencial que a minha ignorancia o não atinja...

AFFONSO VARGAS.



O pianista que não seja mais que um bom pianista, é um mau pianista.

A Lavignac.



Correspondencia

De Paris

Edouard Colonne. Kubelik.
Conservatorio. Concêrtos.

E' já do conhecimento dos nòssos leitôres o inesquecível falecimento de Edouard Colonne, o talentoso musico, o querido e sábio regente da orquéstra que tem o seu nòme. *A Arte Musical* já se associou no seu último número, rápidamente, ás respeitosas e sincéras homenagens que tódo o mundo musical présta á saudosa memoria de tão illustre morto. Nêste numero pois, será prestada maior e mais desenvolvida homenagem e assim, cumpre-me só transmitir de Paris, onde Colonne expirou, o éco magoado da grande e intensa dôr por que pássa no atual momento o pòvo musical francêz, onde Edouard Colonne éra devida e imensamente estimado, não só pêlo seu rutilante talento como também pêlo seu diamantino caracter.

O seu funeral foi a expressão mais verdadeira e indiscutível de como sempre será chorado o grande maestro.

— Realisou-se hontem, na Sala Gaveau, o primeiro dos annunciados concêrtos de Kubelik, que constituiu um succêso. O segundo déve realizar se na mesma sala e a 13, igualmente com o valiôso concurso de M. Alexandre Raab e da orquéstra Colonne, sob a direção de M. Gabriel Pierné, havendo grande interêsse em se escutar nóvamente o illustre violinista.

— Foi ratificada a eleição do Consêlho superior de ensino, do Conservatorio de Paris, propondo para professor de canto, M. Imbart de la Tour, que obtêve vinte e um votos, sôbre vinte e cinco votantes. Esta nomeação foi esplendidamente acolhida, atendendo ao bôlo talento de M. Imbart de la Tour e ao seu interêsse pêlo ensino.

— Com um numeroso e escolhido auditorio, realisou-se hontem o sêsto concêrto de assinatura, da orquéstra Sechiari. Da execução do programma, pôde-se destacar uma *Simphonie* de Haydn e *Les Impressions d'Italie* de Charpentier. Estreiou-se um joven artista, M. Desider Josef Vecsei, que demonstrou possuir um futuro risonho deante

de si, e que o publico parisiense acolheu com grandes aclamações.

— Os concêrtos, Rouge, vão consagrar, tôdas as noites das quintas-feiras, a festivais Beethoven-Wagner. A'manha, realisa-se a última audição de *l'Or du Rhin*, annunciando os programas para têrça-feira um grande concêrto de gala, com o *Fausto*, em que se farão ouvir a grande cantôra, princesa Baratoff e o illustre artista M. Fournier, da Opera.

— O violinista Carl Flesch, realisa uma audição a 8 do corrente, na sala Gaveau, figurando no programma o concêrto de Bach, em mi-menor; concêrto de Beethoven e concêrto de Brahms, acompanhados pêla orquéstra Lamoureux, sôb a direção de M. Chevillard.

Paris, abril 7.

CARLOS CILIA DE LEMOS.

De Tanger

Meu caro Vargas

Deixou-me deveras perplexo o seu postal, a pedir-me noticias d'esta curiosa terra africana. *Diavolo!* Comprehende bem o meu bom amigo que, em tres dias, mesmo com os 100 olhos do lendario Panoptès, não seria facil dar-lhe conta d'uma cidade que destôa por completo de tudo o que eu conhecia no genero, e cujos usos e costumes não são positivamente d'uma vulgaridade por ahi alem.

Cousas ha comtudo, n'este rincão marroquino, tão pinturesco e tão novo, que saltam logo á vista de quem aqui vem pela primeira vez e que são por signal bem extraordinarias. Exemplo: — A falta de viação accelerada, que a nós outros, europeus, nos é tão precisa, como o pão para a bocca. Nada de velocipedes, nem electricos, nem trens, nem comboios, nem automoveis. Em compensação muitos cavallos, mulas, burros, mulheres e homens, sendo provavel que esta ultima especie, quasi tão damninha como a dos automoveis, figure aqui tão sómente para o effeito decorativo da paisagem.

Aceio? rudimentar. Civilisação? quem sabe? Ha electricidade e telephones... sem meninas. Pelo que me inclino a crêr que o bom do arabe, espertalhaço como o nosso saloio, a quem está vagamente ligado por longiqua parentela historica, aproveita da chamada civilisação europêa só aquillo que muito bellamente lhe apraz. Por isso, meu

caro amigo, se me achasse hoje inclinado ao paradoxo, havia de dizer-lhe as cousas mais espantosas...

Mas prefiro falar-lhe de musica, ainda que me arrisque n'esse campo a ir parar, eu e a minha cartá, ás columnas da nossa revista. *Musica arabe!*... E que thema galante para um artigo de sensação!

Infelizmente não tenho a penna d'um Viloteau, nem d'um Salvador Daniel para lhe descrever os rythmos teimosos do *bender* ou da *darbuka*, a melopêa arrastada e monotona da *zukra*, ou a dolente monodia do *kanon* e do *rebab*. Falha-me de todo a erudição d'aquelles arabistas da musica para lhe revelar as bellezas d'esta psalmodia bizarra

ponto de perceber o que elles querem... mesmo musicalmente falando.

Parece-me poder notar que a voz do arabe é singularmente delgada e caprina: voz sem timbre, voz branca. Rareiam as notas graves, não ha baixos. Na mulher a voz é forte e dura: domina sem esforço apparente o *tintamarre* da orchestra e o bum-bum dos *tarrs* e dos *chekachek*. Mas quer existencia e que justeza de afinação!

Dos instrumentistas, devo dizer-lhe que podiam dar lições de rythmo a muitas meninas da nossa baixa. Todo o arabe é, de resto, um mestre do rythmo e os proprios Aisaguas, que, por singular acaso, tive occasião de vêr hoje mesmo na sua festa do Mu-



No Café Concerto

em que se comprazem as vozes marroquinas, e em que as apogiaturas, os grupetos e as... segundas augmentadas fervilham como feijões em tacho.

Quizera tambem explicar-lhe, se a tanto me ajudasse o engenho e a arte, os mysterios de uma gamma nova, para os nossos ouvidos beatificamente europeus, toda feita d'intervallos raros, e fechando ás vezes na supertonica com um descaramento verdadeiramente mahometano.

Mas, Allah me valha, a cousa não se estuda em tres dias e, aqui muito á puridade, sempre lhe quero dizer que em tão curto prazo não pôde um homem arabisar-se a

lud (nascimento do Propheta)—bestializados d'opio, quasi furiosos de fanatismo selvagem, escorrendo sangue dos carneiros degolados e logo devorados com lã, ossos e tudo, obedecem por instincto, em estenuantes e epilecticas danças, ao rythmo, persistente, inflexivel, das *zukras*, dos *tarrs* e das *tabella*.

Os negros até se contentam com o rythmo puro, nas suas grandes danças *en rond*, em que os *chekacheks* (cymbalos de forma especial) e as *tabella*, (bombo marroquino) desempenham papel tão preponderante como, nas complicadas locubrações dos Strauss e dos Dukas, podem representar os mais requintados engenhos sonoros.

E manda a consciencia que se diga que, na musica das ruas, na musica do povo, ainda estes estão um furo acima do nosso *Zé Pereira*...

Mas onde podemos apreciar, se o verbo não é arrojado, esta capitosa musica arabe, é nos cafés marroquinos onde por largas horas o indigena se embala na semi-somnolencia do *kif* e do alcool e na doçura molle de uma eterna contemplação. São ahi muito variados os grupos musicaes, predominando ora a voz, ora a dança, e acompanhando orquestras cuja composição não obedece a nenhum principio fixo. Em um vi dois *alaúdes* (Laúd, dizem elles, e eu escrevo o arabe pôde o meu amigo acreditar, segundo os mais rigorosos preceitos sonicos), um *violino* (kamandja), uma *violeta*, um *rebab* e um *tarr*. Em outro figurava um *violino*, quatro *darbukas* e um *tarr*. Em todos, uma curta phral se vocal, repetida á saciedade, apressada muitas vezes no fim do trecho até á vertigem, e acompanhada nos instrumentos de percussão (*tarr*, *darbuka*, etc.) em rythmos quasi sempre diversos do canto!

Pois, meu amigo, isso que na minha pen-

damente no seu fauteuil, a ouvir o quarteto do *Rigoletto* ou a aria da *Mimi*?...

Resvalo para o paradoxo. Fique-se a meditar n'elle e receba o affectuoso *Salama alik kum do*

Tanger, 31 Março 910.

Seu sincero admiradôr
e amigo certo

MICHEL'ANGELO LAMBERTINI.



Uma encantadora festa musical a de 4 d'este mez em casa da Ex.^{ma} Sr.^a D. Eulalia da Costa Neves.

Pela gentileza dos donos da casa, pela deliciosa musica que porporcionaram aos seus convidados, pelos mil detalhes de uma recepção magnificante, pela profusão de lumes e flôres podemos dizer que esta festa deixou gratas recordações em todos os que tiveram a fortuna de assistir a ella.

Damos em seguida o brilhante programma d'este concerto, cuja primeira parte, que era dedicada ao immortal Mozart, foi precedida por uma conferencia feita pelo Ex.^{mo} Sr. João Jardim de Vilhena sobre a vida do grande artista.

Eis o programma :

Primeira parte

Andante da 5.^a Sonata, *Mozart* — para piano, pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Fausta de Castro Neves.

Quartetto em sol menor, *Mozart* — para piano, violino, violeta e violoncello, pelas Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Esther e D. Luiza Campos, e Ex.^{mos} Sr. D. Luiz da Cunha e Menezes e Cecil Mackee.

Aria do 2.^o acto «Noces de Figaro», *Mozart* — pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Africa Calimerio.

Andante e presto da Sonata em lá maior, para piano, *Mozart* — pelo Ex.^{mo} Sr. Aroldo Silva.



Negro com o guembri

na hesitante e frouxa, toma ares de cousa disparatada, ou pelo menos vazia d'interesse e d'encanto, entranha-se por tal modo em todo o nosso sêr, quando lhe ligamos um pouco d'atensão, que chega a entontecer, quasi direi, embriagar, só pela sugestão e teimosia da cadencia, só pela insistencia, cada vez mais nervosa, de um fragmento de melopêa banal!

Sentiu alguma vez essa especie d'embriaguez, meu caro Vargas, installado como-

4.^a Sonata de violino e piano, *Mozart* — pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Carlota Andrade Tavares e Ex.^{mo} Sr. Dr. Godinho Tavares.

Pastorale para piano, *Mozart* — pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Palmira Rangel Baptista Mendes.

Duetto do primeiro acto do «Don Juan», *Mozart* — pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Laura Sauvinet Bandeira e Ex.^{mo} Sr. Arthur da Trindade.

Segunda parte

Gondoliera para canto, *Valente* — pelo Ex.^{mo} Sr. Antonio Peixoto.

Phantasia para harpa, *Thomas* — pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Aurora Semelhe.

Romanza do 4.^o acto do «Hamlet», *Thomas* — pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Margarida Trindade.

Romanza de *Svendsen* e Serenade de *Drdla* — para violino e piano, pelas Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Luiza e D. Esther Campos.

Duetto do 2.^o acto da «Favorita», *Donizetti* — pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Eugenia Santos Loureiro e Ex.^{mo} Sr. Arthur Trindade.

Estudo de concerto, *Liszt* — pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Anna Rangel Baptista d'Abreu.

Concertante do 3.^o acto do «Elnani», *Verdi* — Solos pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Margarida Trindade, e Ex.^{mos} Srs. Dr. Rodrigo Franco Affonso e Arthur Trindade.

Nos coros tomaram parte as Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Laura Sauvinet Bandeira, D. Eugenia Santos Loureiro, D. Africa Calimerio, D. Margarida Trindade, D. Eponina Zenha Mackee, D. Rosa Barroso de Moraes, D. Luiza e D. Esther Campos, D. Noemia Seabra, D. Fausta de Castro Neves, D. Maria Couto e D. Alice Sauvinet Bandeira e os Ex.^{mos} Srs. Dr. Alberto de Moraes, Dr. Rodrigo Franco Affonso, José Amado, Cecil Mackee, Antonio Peixoto, Aroldo Silva, Antonio Pennha e Costa, Jayme Santos e Luiz Schwalbach Lucci. Os acompanhamentos foram esplendidamente feitos pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Esther Trindade.

C. M.

Com um programma muito interessante realisaram no dia 5, na sala da *Illustração Portuguesa*, um concerto, as srs.^{as} D. Laura Wake Marques e D. Jeanne Rey Colaço.

M.^{elle} Colaço executou obras de Bach, Brahms, Schumann e Chopin, e em todas ellas provou possuir qualidades apreciaveis de mechanismo e dicção. Salientaremos porém a *suite* em sol menor de Bach, e *Fantasia* em dó menor do mesmo auctor, que

M.^{elle} Colaço disse com uma grande pureza de estylo, a par d'uma technica perfeita.

A sr.^a D. Laura Wake Marques fez-se ouvir em trechos de Lulli, Haendel, Mozart, Bach, Schubert e Strauss, executando d'este auctor dois trechos deliciosos, cujo interessantissimo acompanhamento, foi magistralmente executado por Rey Colaço.

O apreciado violinista Pedro Blanch, fez-se ouvir com M.^{elle} Colaço na fantasiestucke de Schumann, obtendo esta interessante obra, por parte dos dois artistas, uma execução sobria e correcta.

Todos os executantes foram calorosamente applaudidos pela escolhida assistencia que se via na sala.

*

Tambem na sala da *Illustração Portuguesa*, teve logar a 10 a primeira audição de musica classica, da serie que o notavel pianista Rey Colaço vae realisar esta epocha.

N'este concerto tomaram parte, além do promotor, os srs. Somers-Cocks, Cecil Mackel Pedro Blanch e M.^{me} Berck, que á ultima hora substituiu a sr.^a D. Laura Wake Marques, que por incommodo de saude não pôde comparecer.

M.^{me} Berck, a quem por vezes nos temos aqui referido com os elogios que merecem o seu talento, e as qualidades verdadeiramente artisticas de que dispõe, cantou aria da opera *Alceste* de Gluck, *Ce n'est pas un sacrifice*, e uma romanza da opera *Werther* de Massenet.

Em qualquer d'estes dois trechos mostrou M.^{me} Berck a sua bella escola de canto, que lhe permite phrasear bem, pronunciar com admiravel nitidez todas as syllabas, e dar o devido claro escuro ao que executa. Além d'estas qualidades, possui, M.^{me} Berck a comprehensão clara das obras que estuda, podendo assim impir-mir-lhes o sentimento e a fórma de estylo que requerem os diversos auctores antigos e modernos.

Abriu o concerto com o quartetto em sol menor de Mozart, para piano violino, viola e violoncello, uma das obras mais bellas de musica de camara que se tem escripto até hoje.

E' este quartetto obra assaz conhecida de todos os executantes que n'ella tomaram parte, motivo que os levou a descurarem um pouco os seus ensaios de apuro, dando em resultado falta de fusão entre os quatro instrumentos, e por vezes um curto desequilibrio de sonoridade.

Rey Colaço é um dos melhores interpretes de Mozart que temos conhecido, o que não obsta a que não concordemos com o movimento demasiado vivo que deu ao pri-

meiro andamento, tirando-lhe o character de gravidade, que a nosso ver deve conservar aquelle numero.

O trio de Beethoven em mi bemol, obra notavelmente bella, e de grande difficuldade encontrou nos srs. Colaço, Blanck e Somers Cocks, tres interpretes correctos e conscienciosos.

O segundo andamento, sobretudo, foi executado com bastante firmeza de rythmo e colorido apreciavel.

*

Orchestra Philharmonica de Munich

A' hora em que esta Revista entra na machina, parte de Lisboa a Orchestra de Munich, que, sob a direcção do maestro Joseph Lassalle realisou quatro concertos no theatro *D. Amelia*.

A falta de uma orchestra portugueza, que de vez em quando nos proporcione audições de musica symphonica, e as difficuldades que é necessario vencer, para que uma orchestra estrangeira venha visitar-nos, dada a posição geographica que occupamos, longe dos principaes centros artisticos; tudo concorre para que logo que se annuncie a vinda a Lisboa de um grupo artistico de valor reconhecido, o enthusiasmo se faça sentir, não só entre os mais ferrenhos amadores, como até entre aquelles que de ordinario se conservam indifferentes a assumptos musicaes.

Os perigos que corre qualquer empresario que se abalance a escripturar um artista ou artistas, embora de valor, tem contribuido para que a maior parte das pessoas que mais ou menos se dedicavam a este ramo de negocio o tenham abandonado, com receio d'um desastre. E' o sr. Visconde de S. Luiz de Braga, para quem a tarefa se torna mais viavel e menos arriscada, o unico, que actualmente, proporciona ao desgraçado *alfacinha* o ensejo de ouvir o que ha de bom no estrangeiro, embora o faça em geral por preços, que não são dos mais commodos para todas as bolsas.

Depois da Orchestra de Berlim dirigida por Ricardo Strauss, tivemos agora a Orchestra de Munich á frente da qual se acha Joseph Lassalle, um musico de curta carreira, mas de qualidades apreciaveis.

O orchestra de Lassalle impõe-se pela sua disciplina, pela afinação impecavel que conserva em todas as passagens ainda as mais escabrosas, pela grande firmeza d'ataque, e pela extraordinaria elasticidade de som, que lhe permite passar repentinamente d'um *forte* a um *pianissimo*, assim como con-

duzir os *crescendos* n'uma escala progressiva verdadeiramente admiravel.

Em todos os naipes tem figuras de valor, como pudémos observar com relação ao primeiro violino concertino, primeiro violoncello, oboé, corn-inglez, flauta, clarinete e trompa. Reparámos tambem que, para maior egualdade de dição, os violinos, violas, violoncellos, e até os contrabaixos, tomaram as mesmas *posições*, o que cumprem com mais rigor que com respeito á articulação, que nem sempre é respeitada.

Não admira pois que, com os magnificos elementos de que dispõe, e com a direcção intelligente de Lassalle, a orchestra de Munich, seja das melhores da actualidade.

Joseph Lassalle que nasceu em França e que permaneceu por muito tempo em Espanha, imprime a tudo que a sua orchestra executa um bocadinho do seu temperamento meridional, de que resulta a vitalidade e colorido, que todos tiveram occasião de observar n'aquelle bello grupo d'artistas.

Nas quatro audições realisadas nos dias 11, 12, 13 e 14, executaram-se as seguintes obras :

Haendel — Concerto em ré menor.

Haydn — Symphonia n.º 3.

Beethoven — Leonore, Egmont (aberturas); Symphonia n.º 7.

Berlioz — Carnaval romano; Grande symphonia fantastica

Liszt — Preludios.

Wagner — Taunhauser (abertura) 3 vezes; Parsifal—Encantamento de Sexta feira Santa; Mestres Cantores (preludio); Tristão e Izolda (preludio e morte de Izolda) 2 vezes; Marcha triumphal.

Cezar Franck — Rédemption.

Strauss — Morte e transfiguração; D. João.

Dukas — Aprenti sorcier

Raff — Symphonia n.º 4.

Thuille — Grande abertura romantica.

D'Albert — Improvisator.

Por esta resenha se vê que a orchestra de Munich abordou todos os generos sendo mais prodiga porém nas obras de Wagner.

A superioridade com que este admiravel grupo artistico executa as obras do grande mestre allemão, explica a preferencia que Lassalle dá ás obras de Wagner.

E na verdade, se em todas as obras que a orchestra executou em Lisboa, se manifestou sempre a mesma perfeição technica, a mesma firmeza de rythmo e elasticidade de som, não offerece porém duvida que é na musica de Wagner que esta orchestra se torna verdadeiramente notavel.

Logo a seguir, como primor de execução e observancia rigorosa de estylo, poremos a symphonia n.º 3 de Haydn e o concerto em ré menor de Haendel, obras cuja audição nos deixou profundamente impressionados, e que difficilmente esqueceremos.

Mencionaremos tambem a *Fantasia fantastica* de Berlioz, obra extraordinariamente interessante, e a que a orchestra de Munich imprimio um extraordinario brilhantismo, e a symphonia de Raff, obra esta que se impõe desde a primeira nota pela riqueza de instrumentação, pela mestria com que o auctor emprega as diversos instrumentos e pela originalidade dos timbres que consegue obter.

Lamentando profundamente que essas quatro noites de arte tenham finalizado, esperamos que o sr. Visconde de S. Luiz de Braga, animado pelo notavel successo que teve a orchestra de Munich, nos proporcione o ensejo de, para a futura epocha, admirarmos este ou outro grupo orchestral de valor.

O maestro Lassalle foi chamado ao camarote real no terceiro concerto, e agraciado por el-Rei com o habito de S. Thiago.

L. C.



PORTUGAL

Estam contractados para a futura época do theatro S. Carlos a soprano Gagliardi, já nossa conhecida, tenor Perea, que já esteve tambem em Lisboa, e a soprano lyrico Nnia Garelli.

Falla-se na vinda do tenor Subinoff, artista que tem cantado no *Scala* de Milão com a Storchi.

*

Em breve teremos o prazer de ouvir em Lisboa o virtuose do piano, o hespanhol D. Pedro Blanco, a quem já em outras occasiões nos temos referido elogiosamente, fazendo inteira justiça aos seus meritos de artista distinctissimo.

Pela estreita amisade que o une ao nosso amigo o violinista J. Sanz, vem expressamente do Porto tomar parte no seu concerto no qual nos mostrará o seu muito valôr como pianista fazendo-nos ouvir algumas das obras do seu vasto repertorio.

ESTRANGEIRO

Um joven compositor cubano, Sanchez Fuentes, já conhecido por diversas obras, concluiu a musica d'uma nova opera intitulada *La Dolorosa*. A municipalidade de Havana, que por elle se interessa, offerece 20:000 francos á companhia que de passagem por aquella cidade, monte a opera e a represente.

*

Emilo Sauer, o pianista que n'este momento triumpho em Paris, recebeu ultimamente uma homenagem, que, ha mais de um seculo, não era concedida senão aos grandes artistas: a medalha d'ouro com a effigie de Beethoven que lhe foi offerecida pela *Société philharmonique de Londres*.

*

A ultima obra do compositor Carl Reinecke, morto recentemente, é um commentario musical para piano a quatro mãos d'um dos mais bonitos contos do poeta dinamarquez Andersen.

*

Ferruccio Busoni, o conhecido pianista, terminou uma opera comica: *Le Choix d'une fiancée* extrahida d'uma novella de Hoffmann o auctor dos *Contes fantastiques*. A nova opera terá brevemente a sua primeira representação em Hamburgo.

*

Dois directores de theatro, Bendiner e Philipps, occupam-se em edificar em Hamburgo um theatro d'opera-comica cuja inauguração se effectuará durante o outomno de 1911 ou em janeiro de 1912.



Carl Reineke

No numero anterior não pôde a *Arte Musical* prestar á memoria d'este grande artista, morto a 10 de março passado, a homenagem que lhe é devida; fa-lo agora procurando ao menos consagrar algumas linhas ao decano dos musicos germanicos e porventura dos musicos de toda a Europa.

O dr. Carl Reineke, nascido a 23 de junho de 1824 em Altona, então pertencente á Dinamarca, teve por pae um professor distin-

cto, e d'elle recebeu a sua primeira educação musical.

Dez annos depois encetou a carreira artistica, denotando já em tão curta idade qualidades de nitidez e firmeza que o assinalaram.

Isento do menor sentimento de inveja, o moço pianista, que principiara por admirar ingenuamente uma promettedora creança, Clara Wieck, a futura mulher de Schumann, estreava-se a 16 de novembro de 1843 no *Gevandhaus* de Leipzig, no mesmo concerto em que outro prodigioso artista de 12 ia receber também o seu baptismo. Chamava-se este Joseph Joachim, e apesar de ter provocado ainda maior entusiasmo que Reinecke,



CARL REINECKE

nem por um momento o pianista olhou o violinista, de má sombra. Pelo contrario, alma limpida e aberta, n'esse mesmo dia unia-se a Joachim n'uma amisade que nunca mais haveria de quebrar-se, e os dois tão intimos se tornaram, que deram concertos juntos e quando a Academia de Berlim celebrou o 80 anniversario de Reinecke, quem ella delegou para em seu nome o felicitar foi Joachim, o velho e inseparavel amigo do festejado.

Ligado também com Schumann e com Mendelssohn, amou enternecidamente ambos e admirou-os sem reservas

Pelas qualidades encantadoras do seu espirito como homem e como artista mereceu

ser o pianista da côrte dinamarqueza. Mais tarde, em 1851, nomeiam-no professor do Conservatorio de Colonia, e de 1854 em diante chamam-no de diversos pontos para dirigir orquestras. Em 1895 occupava este posto no *Gevandhaus* de Leipzig, para onde viera alguns annos antes. No Conservatorio d'esta cidade, que foi chamado a dirigir, tinha primeiro sido professor e ahi se demorou mesmo depois de já haver deixado de reger os concertos da celebre sociedade, concertos que passaram a ser dirigidos pelo nosso conhecido Arthur Nikisch.

Em 1896, por occasião do 150 anniversario do nascimento de Mozart, Reinecke, que era considerado o seu melhor interprete, ainda lhe executou uma das suas obras. Havia 63 annos que n'essa mesma sala do *Gevandhaus* se fizera ouvir pela primeira vez.

Tambem ahi empunhára a batuta de director durante 35 annos, e foi com um religioso recolhimento e com um entusiasmo onde ao mesmo tempo havia uma especie de filial ternura que o venerando velhinho foi escutado e applaudido.

Como compositor, Reinecke deixa trabalhos quasi em todos os generos, citando-se algumas operas comicas, symphonias, cadernos de musica de camara, uma grande opera *O rei Manfredo*, e até canções infantis, porque adorava as creanças.

Admirador fervente de Beethoven, de Mozart, de Haydn, de Schumann, de Mendelssohn, as suas produções resentem-se da influencia d'estes auctores: e, ainda que mais vagamente, da do proprio Wagner e até da de Brahms, não obstante a dissimilhança entre estes dois ultimos. Este romantico era um classico.

Reinecke escreveu igualmente alguns volumes sobre musica.

D'uma doçura e d'uma bondade enternecedoras, um pequeno traço o define.

Convidado por um amigo a um passeio de automovel, recusou, receioso de esmagar no caminho algum pobre cão.

Santo velhinho! Descance em paz no seio da terra que tanto ennobreceu pela virtude e onde tão alto se elevou pelo trabalho.

Figuras assim honram a especie e merecem bem o reconhecimento de todos.

De resto, o seu funeral foi um commovente testemunho de quanto era querido, e bem andou o pastor que na funebre cerimonia lhe applicou o texto — são felizes os que teem um coração puro, porque verão Deus — Elle foi na verdade um coração puro e ao mesmo tempo um luminoso espirito.

EDIÇÕES DA CASA LAMBERTINI

43, Praça dos Restauradores, 49

— LISBOA —

CANTO E PIANO

Fonseca	
Cinq pièces	\$800
Pereira	
<i>Natus est Jesus</i> , texto portuguez.	\$500
Revello	
<i>Si j'osais</i>	\$500
Sarti	
Six chansons à dire :	
N.º 1— <i>Le chant de la pluie</i> ...	\$500
» 2— <i>Le baiser</i>	\$500
» 3— <i>Les cheveux</i>	\$500
» 4— <i>Les deux cœurs</i>	\$500
» 5— <i>Détachement</i>	\$500
» 6— <i>Pourquoi rougissent les roses</i>	\$500
Os seis numeros em collecção.	2 \$000
Trois chansons à dire :	
N.º 1— <i>Dernière prière</i>	\$500
» 2— <i>Tendresse</i>	\$500
» 3— <i>Testament d'amour</i>	\$500
Os tres numeros em collecção.	1 \$000
<i>Les chaînes</i>	\$600
Schira	
<i>Sognai</i> , texto italiano	\$300

VIOLINO E PIANO

Hussla	
<i>Feuille d'album</i>	\$600

PIANO SO

Battmann	
<i>Aida</i> , petite fantaisie	\$400
Bomtempo	
<i>Chrysanthème</i> , menuet	\$500
Braga	
<i>Perle du Chiado</i> , valse	\$400
Brinlita	
<i>Romance sans paroles</i>	\$600
<i>Menuet</i>	\$400
Carpentier	
<i>Aida</i> , transcription facile	\$300
Cifuentes	
<i>Hymno de Castello Branco</i>	\$400
Colaço	
<i>Fado Hylario</i>	\$600
<i>Fado Corrido e do Pintasilgo</i> ...	\$800

Daddi	
<i>Rimembranza</i> , valsa	\$400
Florez	
<i>Sempre</i> , valsa	\$500
<i>Trevo</i> , valsa.	\$500
Fonseca	
Cinq pièces	1 \$000
Furtado	
<i>Zininha</i> , valsa	\$500
Hussla	
<i>Quarta Rapsodia Portuguesa</i> ..	\$800
Lacerda	
<i>Canção do Berço</i>	\$400
<i>Lusitanas</i> , valsa	\$600
Mackee	
<i>Caressante</i> , valsa	\$500
<i>Honey Moon</i> , valsa	\$500
Mantua	
<i>Devaneio</i> , valsa	\$500
<i>Grata</i> , valsa	\$500
<i>Broinhas de Milho</i> , pas-de-quatre	\$500
<i>P'ra inglez vêr</i> , valsa	\$500
Mascarenhas	
<i>Celeste</i> , polka	\$200
Motta (Vianna da)	
Scenas portuguezas :	
N.º 1— <i>Canção do Figueiral e Ao Viatico</i>	\$500
» 2— <i>O Malhão e Canção de Aveiro</i>	\$500
» 3— <i>Canção da Beira e Canção do Douro</i>	\$500
As tres em collecção	1 \$200
Oesten	
<i>Clochette des Alpes</i>	\$400
Oliveira	
<i>Caldas Club</i> , pas-de-quatre	\$500
Pena (filho)	
<i>Linda</i> , valsa	\$500
Pereira	
<i>Lisboa à noite</i> , valsa	\$500
Pinto	
<i>Confidence</i> , valsa	\$500
Rover	
<i>Arte Nova</i> , valsa	\$500
Sapetti	
<i>Espoir d'amour</i> , valsa	\$500
Zéline	
<i>Auras do Monte</i> , valsa	\$500
<i>Valsa Militar</i>	\$500

* A. HARTRODT *

Agencia de Transportes Internacionais

Despachos e Seguros Maritimos

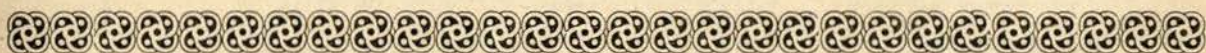
CASAS PRINCIPAES : HAMBURGO e LONDRES

Succursaes : ANVERS (Antuerpia), BREMEN, LIVERPOOL, GENOVA, GOTHENBURGO, LEIPZIG e LUBECK

Recommenda aos importadores portuguezes os seus serviços d'expedições em grupagem, para Lisboa, Porto, Madeira, Ilhas e Colonias portuguezas, de qualquer dos portos acima.—Todas as informações relativas a serviços de transportes, despachos e seguros, seja para importação ou para exportação de mercadorias, são promptamente fornecidas o quem as sollicitar ao seu agente em Portugal:

JOSÉ ANTONIO MARTINS

Rua do Crucifixo, 8, 2.º — LISBOA



Carl Hardt



== Fabrica de Pianos == Stuttgart

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fôrma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensa nas seguintes exposições:—Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **Casa Lambertini**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

Jardim de Lisboa



J. G. Peixinho & Filhos

Rua do Carmo, 49

Telephone, n.º 1696



Ha sempre **grande** quantidade e **variedade** de flores, tanto nacionaes como estrangeiras, com preferencia de Nice

Executam-se todos os trabalhos imaginaveis em flores, com a maior rapidez.

Esta casa não tem succur-saes em flores naturaes.

GAVEAU Grande Fabrica DE PIANOS

SÉDE SOCIAL: 45 e 47, Rua La Boetie—PARIS

OFFICINA MODELO: Fontenay-sur-Bois (Seine)

Hors Concours: Barcelona (1888)—Moscow (1891)—Chicago (1893)—Amsterdam (1895)—Paris (1900).

Diplomas d'Honra: Amsterdam (1883)—Antuerpia (1885)—Bruxellas (1888)

Grand Prix: Hanoi (1893)—Liège (1905).

Na Casa Lambertini encontra-se sempre um variado sortimento de pianos d'esta reputada fabrica

A. D'ABREU
Joalheria e Ourivesaria

SEMPRE NOVIDADES

57—Rua do Ouro—59

LISBOA

M. A. BRANCO & C.^a
Papelaria Progresso

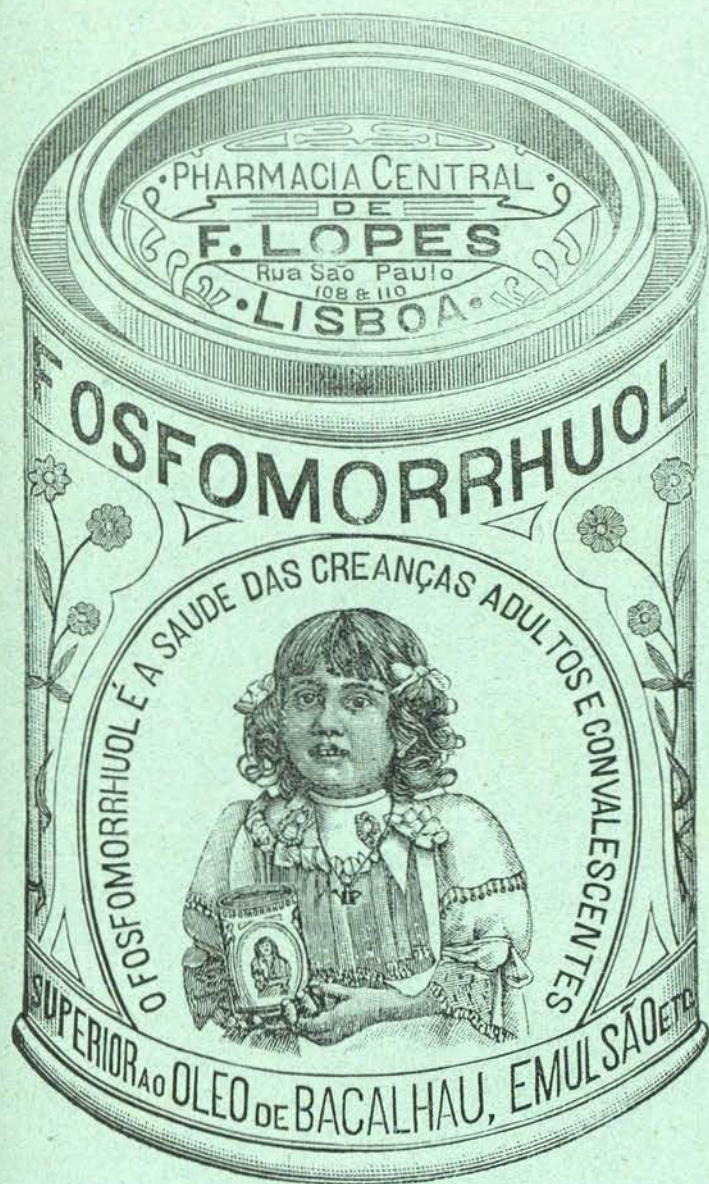
151, RUA DO OURO, 155

Officinas a vapor

Rua do Crucifixo, 60 a 66

LISBOA

Gravura Heraldica e Commercial.—Carimbos de borracha.—Typographia.—Lithographia.—Bilhetes de visita em todos os generos, facturas, circulares, menus e mais trabalhos de pequeno e grande formato, tanto em typographia como em lithographia.—Timbragem de monogrammas a cores, bronzes, prata e ouro



Lambertini
REPRESENTANTE

DOS
Editores Francezes

Edições economicas de Ricordi,
Peters, Breitkopf, Litolf, Stein-
gräber, etc.

Partituras
de Operas
antigas e modernas
para piano e para canto

Leitura Musical
POR ASSIGNATURA
500 réis mensaes
(Peçam-se catalogos)

PAPEL DE MUSICA FRANCEZ
DE
Superior Qualidade



GRILLO & SÁ
— DEPOSITO PHOTOGRAPHICO

*
Variadissimo sortimento de **Machinas photographicas**, objectivas, chapas, peliculas, papeis sensibilizados, accessorios e productos chimicos das melhores marcas. — **Ultimos modelos de machinas da Casa Kodak.** — Grande variedade de photographias para photominiatura.
*

Professores de musica

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua de S. Bento, 56, 1.º E.</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Amelia Cunha , professora de piano, <i>R. Rosa Araujo, 31, 1.º</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO.</i>
Arthur Trindade , professor de canto, <i>R. Barata Salgueiro, 11, 1.º</i>
Carlos Augusto Tavares d'Andrade , prof. de piano, <i>R. de S. Roque, 61, 2.º</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>Rua do Monte Olivete, 12, C, 2.º</i>
Carolina Palhares , professora de canto, <i>C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º E.</i>
Elisabeth Von Stein , professora de violoncello, <i>R. S. Sebastião das Taipas, 75, 3.º D.</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, 232, A.</i>
Eugenia Mantelli , professora de canto e piano, <i>Rua de Belver, 1, r/c E.</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>R. Luiz de Camões, 71.</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>Costa do Castello, 46.</i>
Guilhermina Callado , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal de Mello, 131, 2.º. D.</i>
Joaquim A. Martins Junior , prof. de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 2.º</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>T. do Moinho de Vento, 17, 2.º</i>
Lucila Moreira , professora de musica e piano, <i>Avenida da Liberdade, 212, 4.º D.</i>
M.^{me} Sanguinetti , professora de canto, <i>R. da Penha de França, 4, 3.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>C. da Estrella, 20, 3.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua D. Carlos I, 144, 3.º</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.</i>

A ARTE MUSICAL

Preço por assignatura semestral
Pagamento adiantado

Em Portugal e Colonias	1.ª 200 réis
No Brazil (moeda forte)	1.ª 800 »
Estrangeiro	Fr. 8

Preço avulso 100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49—Lisboa